

Geração digital, geração net, *millennials*, geração Y: refletindo sobre a relação entre as juventudes e as tecnologias digitais

Cristina Martins ¹

Resumo: O objetivo do estudo é refletir criticamente sobre a relação das juventudes com as Tecnologias Digitais (TD), discutindo a abordagem geracional. Essa abordagem em diferentes pesquisas vinculadas as juventudes, por meio de termos como: Geração Digital, Geração Net, *Millennials* e Geração Y; criam estereótipos, desconsiderando aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. A natureza do estudo é qualitativa com base reflexiva por meio de pesquisa bibliográfica. Como resultados de pesquisa suscitamos algumas reflexões: enxergar a realidade das juventudes brasileiras que não possuem acesso às TD e a internet, colocar sob suspeita generalizar o comportamento de toda uma juventude e considerar as múltiplas faces das juventudes.

Palavras-chave: Geração; Juventudes; Cibercultura; Tecnologia Digital.

Digital generation, net generation, millennials, Y generation: reflecting about the relation between the youths and digital technologies

Abstract: This study aimed is critically reflect on the relationship of the youths with the TD, by discussing the generational approach. This approach in different researches linked the youths, through terms like Digital Generation, Net Generation, Millennials and Y Generation, creating stereotypes and excluding social, cultural, economic and political perspectives. The results of this qualitative research, based on reflections through literature, sees reality of Brazilian youths that do not have access to TD and Internet, impugning generalize the behavior of all youths and considering the multiple faces of youths.

¹ Licenciada em Computação e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário La Salle (UNILASALLE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES. Analista de Tecnologia Educacional da Rede La Salle. E-mail: <crisrina.martins@acad.pucrs.br>

Keywords: Generation; Youth; Cyber culture; Digital Technology.

Introdução

Encontramo-nos em uma sociedade imersa à cultura digital ou cibercultura. Esse cenário sociocultural manifesta o surgimento de um novo universal “[...] diferente das formas de cultura que vieram antes [...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. (LÉVY, 2005, p.15). Tal cultura emerge do ciberespaço, ou seja, da intercomunicação mundial de computadores, a “rede”, ou a internet. Essa rede e seus serviços configuram-se como um marco histórico da sociedade, o qual teve seu início nas últimas quatro décadas, pelas possibilidades informacionais e comunicacionais que traz consigo. Lévy (2005) afirma que a técnica, como artefato eficaz, abre possibilidades para opções culturais (dinâmica das representações) e sociais (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) que antes não poderiam ser pensadas, tornando tais mudanças irreversíveis. Logo, acreditamos vivenciar uma quebra de paradigma sociocultural impulsionada pelo uso massivo e cotidiano das Tecnologias Digitais (TD)², implicando em mudanças na concepção e na organização das grandes instituições sociais como: escola, família e trabalho.

Contudo, Sales (2014) afirma que apesar das TD estarem onipresentes em grande parte da gestão da vida, elas não estão igualmente distribuídas na sociedade brasileira. Nesse sentido, a autora diz que a “[...] inclusão digital ainda é um enorme desafio, especialmente em países marcados por uma histórica e arraigada desigualdade social como o Brasil”. (SALES, 2014, p.230)

Com o presente estudo, temos o objetivo de refletir criticamente sobre a relação das juventudes, especialmente brasileiras, com as TD, discutindo aspectos relacionados à abordagem geracional. Por vezes, a adoção de tal abordagem em pesquisas científicas, veículos midiáticos, cinema etc.; vinculada às juventudes as rotulam e as estereotipam

² Usamos Tecnologias Digitais (TD) como recorte do conjunto de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) àquelas associadas à rede internet e seus serviços.

na totalidade desprezando aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que se apresentam no cotidiano dos jovens. Segundo Torres e Vivas (2009), não há uma terminologia padrão para definir esses sujeitos que supostamente interagem massivamente e constantemente com TD. Dentre as terminologias constantemente utilizadas e que abarcam a geração “conectada” estão: Geração Digital, Geração Net, *Millennials*, Geração Y, entre outros. Em nosso estudo optamos por utilizar Geração Digital, pois faz interface maior ao contexto sociocultural que abordamos, no caso a cibercultura.

Entende-se por juventude uma categoria do ciclo de vida significativa, constituída por um marco de sentidos. (MARGULIS; URRESTI, 2000). Há diversos usos de marcos etários para delimitá-la, mas o mais usual é entendê-la como o tempo de transição da infância/adolescência para a vida adulta, com seu fim demarcado pela independência da família. Utilizaremos a terminologia “juventudes” no plural, para dar conta dos diferentes enfoques os quais os jovens precisam ser olhados e estudados. Segundo Krauskopf (2011), no desenvolvimento de grupos sociais, vulnerabilidades e múltiplas possibilidades para mudar sua realidade são apresentadas. “As características se manifestam de acordo com situações que trazem diversidade como idade, gênero, condição socioeconômica, cultural, étnica, geográfica, e assim por diante”. (KRAUSKOPF, 2011, p. 53).

Feixa (1999) refere que os jovens têm tendências a ter pouco controle sobre a maioria dos principais aspectos de sua vida, estando sob a tutela (mais ou menos explícita) das instituições adultas. Contudo, a condição juvenil é transitória: “[...] os jovens se tornam adultos” (p.85). O autor ainda postula o conceito de culturas juvenis, as quais refletem, em um sentido amplo, na maneira pela qual as experiências sociais de jovens são expressas coletivamente. A expressão é colocada no plural para sublinhar a heterogeneidade interna da mesma. (FEIXA, 1999)

O autor ainda coloca que as culturas juvenis podem ser abordadas por cenários diferentes, destacamos aqui a abordagem de culturas geracionais. Para Feixa (1999, p.86), essa abordagem refere-se “[...] a experiência específica que os jovens adquirem dentro de espaços institucionais (escola, trabalho, meios de comunicação), espaços parentais (família, vizinhos) e, sobretudo, espaços de lazer (dança de rua, locais de

entretenimento).”

No que diz respeito a concepção de geração, Feixa refere que “[...] pode ser considerada como vínculo que une biografias, estruturas e história. A noção refere-se à identidade de um grupo etário socializados no mesmo período histórico” (1999, p.88). Além disso, a consciência de jovens pertencentes a uma mesma geração se reflete em "eventos geracionais", lugares comuns, rótulos e auto avaliações. Contudo, não se configuram em grupos homogêneos, nem afetam da mesma maneira seus pares, tendem a ser protagonista em histórias de vida. (FEIXA, 1999).

Cabe ressaltar que essa discussão é relevante para a educação, desmistificando os estereótipos que a suposta Geração Digital traz consigo, principalmente no âmbito das instituições. Sujeitos adultos que conduzem e estão à frente das experiências que as juventudes vivenciam nestes espaços “[...] parecem não compreender as novas formas juvenis de conduzir a própria existência, produzidas pela intensa conexão com as tecnologias digitais”. (SALES, 2014, p.236)

Por fim, destacamos que a metodologia do estudo é natureza qualitativa, de cunho reflexivo por meio de pesquisa bibliográfica, buscando trazer contribuições teóricas para o campo de estudo. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica se desenvolve por meio de material já elaborado dentro de determinados campos de pesquisa e faz parte da composição de estudos exploratórios. Este tipo de pesquisa, segundo o autor, permite ao pesquisador cobrir “[...] uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2008, p.50). Assim, entendemos que tal levantamento de bibliografias afins ao nosso estudo auxiliará a tecer considerações.

Representações geracionais das juventudes na cibercultura

No lócus da cibercultura e do ciberespaço, bem como dos processos (sociais, culturais, políticos, econômicos etc.) que emergem nesse contexto sociocultural, a juventude tende a ser protagonista, “[...] ela interage crescentemente com as tecnologias e, assim, se produz, orienta seu comportamento, conduz a própria existência. [...] As tecnologias digitais são, pois, um importante elemento constitutivo da cultura juvenil”. (SALES, 2014, p.236). Essa onipresença da TD nessa temporalidade, marca uma fatia

considerável das juventudes atuais.

Diversos autores como Tapscott (1999), Prensky (2001), Howe e Strauss (2000), entre outros, destacam haver um diferencial sociocultural no grupo de sujeitos nascidos após o advento da internet e que tiveram contato desde seu nascimento com as TD. Dentre as características que os autores apontam podemos citar: suas preferências de aprendizagem que tendem para o trabalho em equipe, atividades experienciais e uso intenso das TD que marcam seus hábitos. Ainda, apontam como seus pontos fortes: a realização de várias atividades simultaneamente, a orientação para objetivos, atitudes positivas e um estilo colaborativo. (TORRES; VIVAS, 2009).

Entretanto, muitas vezes, as terminologias postuladas por esses autores sob o aspecto geracional, tais como Geração Digital, Geração Net, *Millennials*, Geração Y, são utilizadas para generalizar e rotular todos os jovens dessa temporalidade. Por exemplo, Prensky (2001) quando escreveu o polêmico artigo “*Digital natives, digital immigrants*”, quis mostrar que estava havendo uma brecha na comunicação e sendo criada uma espécie de abismo entre alunos e professores. Sua ideia não foi fomentar essa brecha, mas, sim, defender a pedagogia da parceria, na qual o professor não precisa ter medo de seu estudante dominar as TD, pois ele domina seu conteúdo. E justamente é essa a ponte de comunicação entre o estudante (nativo digital) e professor (imigrante digital), ou seja, a parceria. Porém, muitas vezes, isso é utilizado como um marco geracional em investigações científicas, veículos midiáticos etc. Criam-se mitos e cai-se em estereótipos.

Freire Filho e Lemos (2008) afirmam que o fortalecimento de marcadores de diferenciação e conflito, tais como a abordagem geracional, marcam um esgotamento nas discussões acerca de categorias como classe social na perspectiva da modernidade. Assim, a intensificação da adoção de “[...] representações da juventude como adepta preferencial de novos aparatos tecnológicos ou atrelada a discursos sobre transformação social [...] faz parte da formação de uma cultura de consumo que permeia não só essa dimensão.” (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008, p.18).

Os autores ainda afirmam que a estreita relação entre a “cultura tecnológica” e “cultura juvenil” decorre do surgimento e massificação do consumo de artefatos tecnológicos digitais, como computador pessoal, internet, videogames etc. Sabemos que

passamos por um momento transitório da modernidade para a contemporaneidade e dentro dessa nova perspectiva social vivenciamos o contexto sociocultural da cibercultura, impulsionado pela rede. Nesse sentido, Torres e Vivas (2009) discutem que há necessidade de evidências empíricas para justificar a presença de uma nova geração com atributos como habilidades tecnológicas, diferenças cognitivas e de aprendizagem, e alfabetização informacional, em relação a gerações anteriores. Ainda pouco se debate sobre as origens e implicações sociais e políticas que a cibercultura traz consigo. Na perspectiva geracional, se enaltece potencialidades e aptidões dos jovens e os desafios que afetam a condição juvenil. (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008)

Ainda para Freire Filho e Lemos (2008), por meio das representações acerca de uma juventude integrante da “Geração Digital” os

[...] hábitos de consumo e as novas práticas de sociabilidade e comunicação da juventude são descritos, frequentemente, como modelos ideais de conduta, por indicarem uma flexibilização que garante a efetividade dos novos processos de capitalização da ordem econômica mundial. (FREIRE FILHO; LEMOS, 2008, p.24)

As investigações de Torres e Vivas (2009) apontam para a legitimidade da existência de uma geração de jovens mais articulada com as TD, porém é necessário identificar questões problemáticas de investigação e aspectos que venham a ser as oportunidades de pesquisa. Pouca empiria produziu-se sobre essa relação entre jovens e TD. Logo, estabelece-se a necessidade de pesquisas empíricas e justifica nossa investigação para aprofundar trazendo reflexões críticas sobre tal relação.

Reflexões sobre a relação entre as juventudes e as tecnologias digitais

Para atender ao objetivo da investigação suscitando reflexões críticas sobre a relação das juventudes com as TD instigadas pela abordagem geracional, optamos por usar a metodologia de natureza qualitativa. Minayo (2010, p. 21-22) diz que a abordagem qualitativa “[...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Alinhadas a este posicionamento, entendemos que a abordagem qualitativa, com viés reflexivo por meio da pesquisa bibliográfica, se mostra

adequada para o desenvolvimento desse trabalho.

Para Feixa (1999) as culturas juvenis que se destacam possuem uma identidade geracional clara, resumindo drasticamente o contexto histórico em que nasceram. Nesse aspecto, podemos entender que o contexto sociocultural da cibercultura, bem como as TD associadas a ele, influenciam muitos jovens. Entretanto, uma rotulagem generalizante, por exemplo da Geração Digital, não captura toda a riqueza da realidade juvenil uma vez que dados mostram que nem todos os jovens possuem acesso e o hábito de utilização das TD. Juventudes heterogêneas coexistem.

Percebemos que há um esforço principalmente da mídia em rotular e estereotipar os jovens com notícias sensacionalistas, através dos meios de comunicação de massa, ganhando a atenção do público por um determinado período de tempo, mas, em seguida essas notícias entram em decadência e desaparecem. (FEIXA, 1999; FREIRE FILHO; LEMOS, 2008)

Na contramão dos “achismos” relacionados as juventudes, em especial no contexto brasileiro, a Fundação Telefônica realizou a pesquisa Juventude Conectada (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014). Também participaram da realização da pesquisa o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE) Inteligência, o Instituto Paulo Montenegro e a Escola do Futuro da Universidade de São Paulo (USP). A investigação teve como objetivo entender o comportamento do jovem na era digital e as transformações e oportunidades geradas a partir disso. Seus achados apontam que 60% das residências brasileiras não têm acesso à internet e que 48,1% dos domicílios brasileiros têm pelo menos um computador. Ainda, segundo a pesquisa, o telefone celular é o equipamento preferencial de acesso à internet pelos brasileiros e a conexão à internet via celular é intensamente utilizada por jovens de todas as classes socioeconômicas: A (86%), frente aos das classes B (75%), C (69%) e D (54%). (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014).

O estudo, ainda, revelou dados no que tange ao papel que o celular desempenha na construção da identidade do jovem. No caso, apontam que: (a) é um elemento que se integra à aparência visual; (b) promove e possibilita desenvolver uma personalidade autônoma e independente; (c) é um mediador do processo de construção do *self*; e, (d) é um símbolo para a construção de identidades coletivas. (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA,

2014). Sob esse enfoque podemos fazer um paralelo com a perspectiva da inteligência coletiva que Lévy descreve, “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. (LÉVY, 2005, p.28). Tal perspectiva, visa reconhecer habilidades dos sujeitos para que sejam compartilhadas, enriquecendo-os mutuamente, ou seja, utilizadas em benefício da coletividade. Isso decorre do contexto sociocultural da cibercultura. Por meio desta pesquisa podemos evidenciar que tal cenário desempenhando um papel relevante junto as juventudes brasileiras.

Paralelamente, percebemos que a realidade de outras juventudes brasileiras, principalmente das classes mais baixas, não possibilita condições de acesso à internet e/ou outras TD. Tal constatação nos leva a colocar sob suspeita a tentativa de generalizar o comportamento, não se pode generalizar o comportamento de toda uma juventude, baseando-se na abordagem geracional. É preciso considerar as diversas facetas desses grupos.

A pesquisa também trouxe um dado que já era uma expectativa: as atividades realizadas na internet que mais atraem a juventude brasileira são aquelas ligadas à comunicação interpessoal. (FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2014). Por este dado, podemos compreender a importância da Educação para as juventudes. Em tempos de cibercultura, em que as TD são onipresentes em diversos âmbitos da vida, mas nem todos possuem as mesmas possibilidades acesso, é papel das instituições de ensino desenvolver competências atreladas a fluência digital, que permitam ao sujeito articular-se e adaptar-se ao contexto sociocultural. Nesse sentido, Sales (2014) traz uma visão interessante sob que ótica devemos enxergar as TD, corroborando nossa afirmação. Ela diz que “[...] a questão não é nem demonizar nem endeusar, mas ter uma postura crítica diante das novas tecnologias buscando caminhos para uma maior articulação com o cotidiano escolar”. (SALES, 2014, p.236)

Por fim, acreditamos haver uma diferença geracional relacionada ao período de transição entre culturas (pré-cibercultura e cibercultura). Para Howe e Strauss (2007) que desenvolveram uma teoria geracional e postularam o termo *Millennials*, as gerações são os conjuntos de pessoas nascidas num período próximo que coincidem na fase de vida, a qual possui atributos de personalidade comuns. Também, afirmam que as

pessoas de determinada geração não são influenciadas apenas por acontecimentos da sua formação inicial, continuam a serem moldadas enquanto envelhecem. Ou seja, as pessoas de gerações anteriores estão sendo influenciadas pela cibercultura, pois a aprendizagem é contínua por toda a vida. Entendemos que os aspectos geracionais não determinam uma mudança ou um comportamento social, mas sim a cultura e suas técnicas são as impulsionadoras dessas mudanças. Lévy destaca que “[...] pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início de seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira”. (2005, p.157)

Por meio dessas reflexões trazidas em nossa pesquisa, entendemos que precisamos envolver as instituições: família, escola e trabalho; nas discussões que envolvem juventudes e TD. Não é o fato de caracterizar o grande grupo como Geração Digital, rotulando, enfatizando estereótipos, demonizando as tecnologias, mas sim dar condições de acesso às TD e a internet a todos os jovens desenvolvendo competências ligadas à fluência digital, para que eles se articulem e se adaptem a uma sociedade dinâmica e que evolui de maneira veloz e constante.

Considerações finais

No Brasil, as juventudes pouco são escutadas, ocultando seu o protagonismo diante da sociedade. Isso tem a ver com questões históricas de um país colonizado, especialmente no cenário brasileiro que é heterogêneo em termos de oportunidades. A ascensão massiva das TD tem desafiado diversas instâncias sociais, em que destacamos a Educação.

Enquanto a juventude acessa cada vez mais de maneira visceral e íntima as TD, por sua onipresença no contexto sociocultural da cibercultura, pouco as instituições tradicionalmente responsáveis pela educação de jovens se preocupam em dar condições para que desenvolvam a fluência digital, escapando das armadilhas que o ciberespaço possui, e, não o exploram na sua totalidade usando de todo o potencial que este espaço pode proporcionar. Os jovens relacionam-se massivamente com as TD para comunicação interpessoal.

Muito ainda pode ser discutido e trabalhado dentro das instituições de ensino, para

fomentar outros aspectos relacionados às TD, que agreguem valores, conhecimentos, habilidades etc, na formação de uma juventude protagonista e de postura crítica perante o mundo. Preocupam-se em vincular as juventudes com a Geração Digital e deixam de lado discussões sobre a relação do jovem e TD em aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.

Por fim, pesquisas apontam para a legitimidade da existência de uma geração de jovens mais articulada com as TD, mas poucas pesquisas empíricas vêm sendo realizadas no sentido investigar se realmente essa geração desenvolveu habilidades tecnológicas, diferenças cognitivas e de aprendizagem e alfabetização informacional. Ao invés de importa-se em definir a geração “conectada” como: Geração Digital, Geração Net, *Millennials*, Geração Y, entre outros; precisamos nos aprofundarmos na compreensão das relações que se constituem a partir das juventudes com as TD.

REFERÊNCIAS

- FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribos: antropología de la juventude**. 2. ed. Barcelona: Editora Ariel, 1999.
- FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco de. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.5, n.13, p. 11-25, jul., 2008. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/124/125>>. Acesso em: 11 jun. 2015.
- FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (Org.). **Juventude conectada**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- HOWE, Neil; STRAUSS, William. **Millennials rising: The next great generation**. Vintage, 2000.
- _____ The next 20 years: how customer and workforce attitudes will evolve. **Harvard Business Review**, p. 41-52, jul. /ago., 2007.
- KRAUSKOPF, Dina. Enfoques y dimensiones para el desarrollo de indicadores de juventud orientados a su inclusión social y calidad de vida. **Última década**, v. 19, n. 34, p. 51-70, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventude es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario. (Ed.). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 1. **On the horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

TAPSCOTT, Don. Educating the net generation. **Educational Leadership**, v. 56, n. 5, p. 6-11, 1999.

TORRES, Fabiola Cabra; VIVAS, Gloria Patricia Marciales. Mitos, realidades y preguntas de investigación sobre los ‘nativos digitales’: una revisión. **Universitas Psychologica**, v.8, n.2, p. 323-338, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v8n2/v8n2a03.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.